

RUBEM  
BRAGA

24.3.65

## UM GRANDE PASSO

A decisão do Governo de realizar as eleições previstas em 11 Estados, este ano, foi recebida com um ôbo de entusiasmo e surpresa. É uma vitória nítida do pensamento civilista, democrático, legalista, contra a linha dura, o ditatorialismo, o militarismo destabocado.

Seja como fôr que se encare a Revolução de abril, é fora de dúvida que ela contou com o apoio do grosso da opinião pública. Os desatinos e tolices do último Governo eram de tal ordem que ninguém mais tinha dúvida sôbre o rompimento iminente dos quadros legais. Não há nada mais infantil do que dizer hoje que a Revolução não encontrou provas de conspiração contra o regime por parte dos antigos governantes. Não precisaria de provas uma conspiração que não se fazia com sussurros nos porões, mas aos berros, em praça pública. É bom que não se esqueça isso hoje, quando os erros da Revolução a impopularizaram de tal modo que, em contraste com as botinadas de alguns generais e coronéis, todos os que foram derrotados parecem anjinhos.

Não eram nem são anjinhos. Teriam feito pior se não falhassem por incompetência. Os tribunais revolucionários e os decretos punitivos misturaram no mesmo bôlo de prisioneiros, cassados e suspensos de direitos políticos, os subversivos, os corruptos e também democratas autênticos, alguns dêles grandes brasileiros. No meio da turba dos punidos há também inocentes simples, vítimas de ódios e prevenções pessoais, como há um número impressionante de militares, principalmente jovens, que apenas se limitaram a seguir as ordens que recebiam de seus superiores, e jamais conspiraram contra o regime. Muitos tiveram suas divisas arrancadas simplesmente por estarem servindo em tal ou qual estado-maior, gabinete

ou outro órgão qualquer. Todas essas injustiças e tolices impopularizaram a Revolução e fizeram inclusive com que se voltassem contra elas muitos cidadãos que normalmente só poderiam vê-la com simpatia.

Uma política financeira e econômica que, esteja certa ou errada, é, indiscutivelmente, impopular, e uma atitude de subservientes agraçados em relação ao capital estrangeiro que passou a ser tratado como um bem em si, quando tanto pode representar impulso à economia do País como a exaustão de seus recursos; uma ingênua mística da iniciativa privada, com a crescente tendência a abdicar do controle do Estado sobre setores fundamentais da economia em que só ele pode resguardar o interesse nacional — tudo isso vem impopularizando ainda mais a Revolução, e torna difícil imaginar que ela não tenha sido feita exatamente para isso.

Pois não foi. As grandes massas da classe média e das classes trabalhadoras que se juntaram à alta burguesia para derrubar o Governo legal eram movidas exatamente pela angústia de sentir que a ordem e a liberdade estavam em perigo. Foram essas massas que comoveram os militares a ela sempre ligados, muitos deles com um passado exemplar de luta contra a ditadura interna e o fascismo externo. Os políticos mais representativos dessa tendência democrática no seio da Revolução é que conseguem agora ser ouvidos, pois suas vozes estavam abafadas.

O Marechal Castelo Branco encontrará, certamente, muitos desgostosos com sua decisão no seio das Forças Armadas, uns apenas murmuradores, outros capazes de tentar uma conspiração de direita. Mas sentirá também, esteja certo, um apoio de grandes bases no povo e nas Forças Armadas, uma calorosa aprovação dessa coisa indefinível, mas forte, a que eu me referia um dia destes aqui como cada dia mais divorciada do regime — a consciência nacional.

Foi um grande passo. Haverá possivelmente contramarchas e manobras várias, mas já temos todos nós um alimento substancial para a nossa esperança em um Brasil mais livre e mais limpo.